

EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NA ESCOLA: PROBLEMATIZANDO DISCURSOS INFANTIS

Lucilaine dos Santos Oliveira - FURG¹
Paula Regina Costa Ribeiro - FURG²

Este artigo tem como objetivo problematizar as narrativas de um grupo de crianças da 4ª série do Ensino Fundamental a respeito da Educação para a Sexualidade na escola. O estudo fundamenta-se em teorizações que conceituam os corpos, os gêneros e as sexualidades como construções sócio-históricas e culturais resultantes das diversas instâncias e campos de saberes como a família, a escola, a religião e a mídia. Dentre as possibilidades metodológicas, para este estudo, optou-se pela investigação narrativa com o objetivo de problematizar as representações construídas pelas crianças sobre a referida temática. As narrativas produzidas levaram-me a (re)pensar algumas verdades com relação aos propósitos da sexualidade e da sua educação, a partir dos significados e representações produzidas pelas crianças e também por seus familiares, entendendo que esses significados não são universais, rígidos ou fixos, podendo mudar de acordo com o local, o tempo e o contexto em que são produzidos.

Palavras-chave: infâncias; escola; Educação para a Sexualidade.

A Educação Sexual tem sido muito debatida por diversas instâncias sociais, tais como a família, a escola, as religiões, as mídias e também por diversos campos de saberes como a psicologia, a educação e a biologia. O termo utilizado também tem sido polêmico, pois várias são as designações utilizadas - Educação Sexual, Orientação Sexual, Educação da sexualidade, Educação para a Sexualidade – para discutir sobre a educação dos corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar. Para Constantina Xavier Filha “nos últimos anos, no campo de estudos e discussões sobre sexualidade, gênero e educação, vêm-se discutindo tanto a nomenclatura a se usar, tanto quanto os objetivos, as funções, os (des) propósitos da educação da sexualidade, mais comumente chamada de Educação Sexual” (2009, p. 86).

Ao revisitar a história da Educação Sexual no Brasil, Paula Ribeiro (2002) afirma que a discussão sobre a inclusão da sexualidade vem ocorrendo desde o início do século XX pela influência das concepções médico-higienistas do século XIX. Segundo a autora, nesse período teriam aparecido as primeiras ideias sobre Educação Sexual, as quais

¹ Professora dos anos iniciais da rede municipal e estadual do município do Rio Grande _RS. Mestre em Educação Ambiental. Integrante do grupo de pesquisa Sexualidade e Escola – GESE – FURG. Fone (053) 81146523 lucilaineoliveira@gmail.com.

² Coordenadora do Pós-Graduação em Educação em Ciências - Coordenadora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola. FURG – (053) 2336674 pribeiro@vetorial.net.

objetivavam o combate à masturbação e às doenças venéreas, como também o preparo da mulher para ser esposa e mãe.

Atualmente, essa temática continua gerando debates e suscitando inúmeras discussões que vêm produzindo diferentes significados e representações. Na busca por conhecer esses significados presentes na literatura acerca do tema, deparei-me com diferentes posicionamentos, os quais apresentam entendimentos e discutem a diferença entre os termos utilizados para nomear a Educação Sexual.

Constantina Xavier Filha, ao discutir a respeito do intenso debate sobre a sexualidade e as formas e propósitos de sua educação, opta pelo uso do termo Educação para a Sexualidade considerando o mais pertinente, tendo em vista que a mesma constitui-se como:

Prática que visa a refletir, problematizar, desconstruir discursos considerados como “únicas” possibilidades, evidenciando que os discursos são construções culturais e que suas formas de enunciação são capazes de produções de subjetividades (2009, p. 96).

Segundo a autora, sob essa perspectiva pretende-se refletir sobre discursos naturalizados e sacralizados culturalmente, relativizando-os, pondo-os sob suspeita e vigilância e desestabilizando certezas, na tentativa de ampliar olhares em outras direções e possibilidades.

No livro “Fala Educadora! Educador!”, Vera Paiva et al diferenciam Educação Sexual de Orientação Sexual, afirmando que:

A Educação Sexual é um processo informal que tem início num contexto mais íntimo e familiar e se desenvolve por toda a vida. Neste processo interferem, além da família, a mídia, a ciência, os costumes e inclusive a escola. Entendemos a Orientação Sexual, como um processo de intervenção sistemática que promove a reflexão sobre a sexualidade: valores, posturas, atitudes, preconceitos, vivência e informação (2000, p. 19).

O termo Orientação Sexual também é utilizado por autores/as referindo-se a relação de desejo e práticas sexuais. Para Rogério Junqueira, “Orientação Sexual é um fenômeno complexo, profundo, relacionado à orientação do afeto e do desejo sexual” (2008, p. 31) e, para Helena Altmann, “é o termo sob o qual se designa a opção sexual, evitando-se, assim, falar em identidade” (2004, p. 03).

Cabe ressaltar que minha intenção ao escrever este artigo não foi discutir quais termos ou nomenclaturas seriam as mais corretas, bem como seus objetivos e funções, mas de propor uma reflexão a respeito de como esses enunciados vêm produzindo práticas e

constituindo sujeitos, ou seja, de pensar como as práticas que envolvem a sexualidade e a educação têm produzido modos de ser, pensar e agir em diferentes sujeitos, em especial nos sujeitos infantis. Além disso, a discussão situa a minha escolha no contexto deste estudo pelo emprego do termo Educação para a Sexualidade.

Sendo assim, buscando me aproximar dos modos como as crianças compreendem essa temática, foram organizadas algumas atividades para a produção do *corpus* de análise da pesquisa. Uma dessas atividades teve como objetivo discutir sobre a Educação Sexualidade na escola, a partir da leitura e discussão da história em quadrinhos “Pedrinho e Chiquita em: falando sobre sexo”, extraída do livro Alfabetização sem segredos: temas transversais de Maria Redespiel (1998). A história apresenta o diálogo entre duas crianças sobre o tema Educação Sexual³ na escola e, ao final, apresenta alguns questionamentos a respeito de se ter ou não Educação Sexual na escola, as principais dúvidas sobre sexo, de como nascem os bebês, se sexo é uma coisa feia, como a família trata sobre o assunto sexo e de que forma gostariam de esclarecer suas dúvidas. Tais questionamentos foram problematizados através do estudo do texto, interpretação escrita e discussão em grupo.

Durante a atividade, percebi que a maior parte das crianças não apresentou dificuldade em conversar sobre o tema em debate e em lançar perguntas, o que demonstrou que o trabalho que vinha sendo desenvolvido sobre as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades em sala de aula, através de leituras, filmes, dramatizações, conversas e brincadeiras contribuiu para a expressão de sentimentos, desejos, hipóteses e descobertas, sem tabus e preconceitos. Nessa perspectiva, Ana Maria Camargo e Cláudia Maria Ribeiro argumentam que:

O trabalho de Educação Sexual na escola deve ser realizado de tal forma que permita a participação constante dos alunos e alunas, por meio das discussões que privilegiem o posicionamento de cada um quanto ao tema em debate, assim como o levantamento e discussão de dúvidas, das divergências e dos pontos em comum (1999, p. 43).

Compartilhando das ideias das autoras, no desenvolvimento das atividades procurei respeitar as crianças enquanto sujeitos singulares, constituídos a partir de interações com diversas instâncias sociais e com o mundo adulto, entendendo que cada uma delas compõe um modo singular de ser criança, o que implica a necessidade de levar em conta os

³ O uso do termo Educação Sexual foi mantido em muitos momentos da escrita desse artigo, pois é deste modo que as crianças, participantes do estudo, se referiam a Educação dos corpos, dos gêneros e das Sexualidades.

diferentes tipos de crianças e de infâncias. Desse modo, houve a observação atenta às crianças e a seus tipos de expressão sob diferentes formas: através de palavras, gestos, escrita ou do silêncio, além do cuidado em respeitar os modos de ser de cada uma delas. Assim, pensando nas diferentes formas de expressão das crianças é que foram sendo planejadas e negociadas as estratégias que deram suporte à pesquisa, considerando que:

É importante apreender esses diferentes contextos e também aprender a trabalhar com aquilo que é dito e com aquilo que não é dito, porque temos, principalmente no caso de crianças, esse contexto da “pouca fala” (DEMARTINI, 2002, p. 8).

Na busca pela participação do grupo como um todo, além da roda de conversa, da interpretação escrita a partir da história em quadrinhos e da urna, a utilização do diário permitiu que as crianças expressassem suas ideias, dúvidas e experiências através da produção textual. Desse modo, as narrativas das crianças não obedeceram a uma ordem cronológica, mas foram produzidas ao longo do trabalho através de registros de diferentes atividades como as citadas a cima, não sendo constituídas de forma linear e homogênea.

Ao ouvir as crianças, pude perceber o forte desejo que têm de falar e contar suas experiências de vida e, dentre elas, as que se referem aos corpos e as sexualidades. Tais observações reforçam o entendimento de que a sexualidade não se apresenta como uma essência a ser “despertada” no período da adolescência e como se apenas nesse período fosse preciso receber a atenção da família e da escola; mas como uma construção social, política, histórica e cultural que permeia os indivíduos por toda a vida. Ana Maria Camargo e Cláudia Maria Ribeiro (1999, p. 57), explicam que:

As crianças, desde a tenra idade, fazem inúmeras perguntas relacionadas a sexo; muitas vezes bem mais do que outros grupos de mais idade. São perguntas básicas para o desejo de saber e, se ocultadas, podem inibir o ímpeto da busca do conhecimento. Aquilo que impele a criança a voltar-se para o problema de suas origens, a curiosidade, a pulsão de saber, está relacionado com as indagações mais fundamentais do ser humano.

Assim, ao serem questionadas, todas as crianças se posicionaram a favor da Educação Sexual na escola, porém explicitaram através da fala e dos registros escritos, o descontentamento com relação à falta do diálogo com a família sobre o assunto, expressando o desejo de que a Educação Sexual começasse a ser discutida no espaço familiar. A discussão da Educação Sexual na família foi uma questão levantada por muitas crianças conforme apresentado nas narrativas a seguir:

Tem vezes que quando vou falar com meu pai, ele muda de assunto, aí eu fico nervoso e brigo com ele. Às vezes nós conseguimos conversar, mas é só quando a minha mãe sai com minha irmã e aí ficamos sozinhos. Por isso eu fico feliz em poder conversar na escola sobre esse assunto porque eu posso perguntar e aprender coisas novas. (Diário de Kakachi⁴, 19/11/2008).

Vamos aprender por bem ou por mal! Se não aprendermos na escola aonde é que vamos aprender? Na rua podemos aprender coisas erradas. Aqui na escola falamos sobre sexualidade de forma respeitosa. Mas eu gostaria muito de poder conversar com meus pais. Sinto falta disso. (Bya - Diário da professora, 29/09/2008).

Eu acho bom receber Educação Sexual na escola porque precisamos saber mais sobre sexualidade. Eu já sabia que os meus pais tinham que namorar para eu nascer e em minha opinião sexo não é uma coisa feia, mas os meus pais não falam sobre isso comigo. Eu queria que eles respondessem minhas perguntas e me dissessem a verdade. (Diário de Jeje, 19/11/2008).

As narrativas apresentadas reforçam o pressuposto de que,

A educação sexual informal, que se realiza no âmbito da família, tem uma importância particular sobre o desenvolvimento da criança e a formação de grande parte de suas ideias sobre a família, sobre o amor e a sexualidade, sobre o mundo adulto e sobre si mesma. (WEREBE, 1998, p. 148).

No entanto, na vida familiar o grande desafio que se apresenta nos dias de hoje é poder dialogar. Essa afirmativa fica evidente em narrativas produzidas pelos familiares das crianças participantes deste estudo⁵, dentre as quais destaco a seguir:

Um pai: A senhora vai conversar com eles sobre as mudanças que ocorrem no corpo? Eu acho ótimo que a escola se ocupe desse assunto! Estou separado da mãe dela e às vezes tento conversar com minha filha, mas não estou sempre junto, sabe como é. Tenho tentado estar mais presente na vida dela, além de pegá-la nos finais de semana, também duas ou três vezes na semana eu vou buscá-la para ficar comigo. Acho importante o pai estar com os filhos nesta etapa em que eles estão crescendo, mas é que na escola eu acho que ela deve se sentir mais a vontade em conversar sobre o assunto porque tem outras crianças da mesma idade com interesses parecidos.

⁴ Os nomes utilizados são fictícios e foram escolhidos pelos sujeitos da pesquisa.

⁵ A opção por ouvir a família deu-se por acreditar que esta atua na constituição dos sujeitos e desta forma na constituição dos seus modos de ver, pensar e agir, assim, a fim de conhecer as ideias dos familiares foi promovido um encontro na escola e as narrativas daí decorrentes foram registradas em meu diário de campo.

Uma mãe: Eu gosto muito da ideia de discutir o tema sexualidade na sala de aula porque me considero um pouco fechada, além de não ter muito tempo, pois tenho que trabalhar o dia todo, pois crio minha filha sozinha sendo mãe e pai ao mesmo tempo.

As narrativas apresentadas apontam a escola como um espaço privilegiado para o desenvolvimento da Educação Sexual na infância, uma vez que reúne crianças da mesma idade, favorecendo o diálogo através do compartilhar de conhecimentos e experiências comuns a elas. Outras narrativas registradas no meu diário de campo, remetem à concepção de que existem famílias que facilmente dialogam e outras que quase não o fazem, devido ao excesso de trabalho, à impaciência, a horários diversificados entre seus membros, à preferência pelos programas de televisão, à utilização da internet, à vida social cada vez mais intensa, ao descomprometimento, ao medo ou vergonha, que dificultam a aproximação entre pais/mães e filhos/as.

A conversa é adiada também ao considerarem os/as filhos/as ainda pequenos/as, ingênuos/as e inocentes e por este motivo, ser muito cedo para tratar sobre o tema sexualidade, como podemos observar nos questionamentos apresentados por uma das mães durante reunião na escola:

- *Será que as crianças vão falar?*
- *Será que não vão ficar com vergonha de perguntar?*

Para Jane Felipe:

A falta de proximidade e abertura são algumas das dificuldades citadas por alguns pais e mães no trato de questões relacionadas à sexualidade das crianças e contribuem para que estas também sintam medo e vergonha de expressar suas idéias e apresentem dificuldades em lidar com as questões que dizem respeito ao seu corpo e sua sexualidade (1998, p. 122).

Tais concepções e comportamentos são efeitos das representações românticas, construídas ao longo da experiência histórica acerca das crianças e têm contribuído para que as mesmas sejam descritas e narradas como seres assexuados, inocentes e ingênuos, incapazes de construir entendimentos sobre sexualidade. Para Paula Ribeiro,

A discussão em torno da inclusão ou não da educação sexual tanto no Ensino Fundamental como na Educação Infantil tem produzido polêmicas, pois muitos consideram que essa discussão estimularia precocemente a sexualidade das crianças; ao contrário, outros consideram a discussão de temáticas relacionadas à sexualidade muito importante, pois problematizaria as representações de masculino e feminino, o cuidado de si, as identidades sexuais, entre outras questões (2002, p. 107-108).

Penso que a falta de proximidade e abertura destacadas por pais e mães e cuidadores/as como algumas das dificuldades encontradas ao tratar de questões relacionadas à sexualidade das crianças, contribuem para que as mesmas também sintam medo e vergonha de expressar suas ideias e apresentem dificuldades em lidar com as questões que dizem respeito ao seu corpo e a sua sexualidade. Uma passagem do texto produzido por Isabela, em seu diário, nos apresenta essa questão:

Eu acho muito legal poder falar sobre meus sentimentos, poder esclarecer dúvidas sobre meu corpo, mas o que eu fico pensando é o que a minha mãe vai pensar se souber disso! Ela sempre diz que eu sou muito pequena para falar sobre certas coisas!(Diário da criança, 20/10/2008).

Sobre esse assunto, Vani escreveu em seu diário:

Eu acho bom ter aulas de Educação Sexual na escola. Antes, eu achava sexo uma coisa feia e falar nessa palavra era muito pesado para mim. Os meus pais nem tocaram nessa palavra em casa, nem comigo e nem com minha irmã. Na escola aprendi que não preciso ter vergonha de falar sobre minha sexualidade porque ela faz parte da minha vida. (Diário da criança, 29/09/08).

A partir dessas narrativas, foi possível perceber mitos e tabus expressos pelas crianças com relação à sexualidade, ou seja, o que pode e o que não pode ser falado por elas sobre essa temática, demonstrando que a sexualidade ainda é significada como algo feio e proibido e que deve ser vivenciado entre quatro paredes. No entanto, através da problematização da sexualidade na escola enquanto “construções/invenções humanas, frutos do desenvolvimento e da interação sócio-cultural”, (FURLANI, 2003, p. 15) torna-se possível discutir as questões que permeiam a sexualidade de outras formas.

A respeito da discussão sobre as aulas de Educação Sexual na escola, Celaine expressou seu contentamento, dizendo:

Eu adoro quando as professoras trazem vídeos e também palestras sobre educação sexual. Gosto muito de ler livros que falem do nosso corpo e da nossa sexualidade. A gente tem dúvidas e nas aulas aprendemos muitas coisas que já temos tamanho para aprender. Eu queria que a professora trouxesse pílulas e camisinhas para agente ver e conversar sobre elas. (Diário da criança, 29/09/2008).

Ainda sobre o assunto, Rex escreveu em seu diário:

Eu acho muito importante ter Educação Sexual na escola porque quando crescer poderei decidir e escolher se vou ter filhos ou não e também saber como me cuidar de algumas doenças como a Aids. Aprendendo a se cuidar quando a gente sentir vontade de transar não precisa ter filho. Só quero ter filhos quando tiver uns 35 anos e já tiver minha casa e meu trabalho. (Diário da criança, 19/11/08).

As palavras de Rex remetem ao entendimento de que existem outras possibilidades de viver a sexualidade, que não ficam reduzidas ao discurso da família-reprodução, mas que se relacionam aos modos de sentir os prazeres e desejos, aos cuidados de si e às responsabilidades advindas das escolhas e atos com relação ao próprio corpo e ao corpo do outro. Penso que tais narrativas sinalizam para a importância do/a professor/a “pensar como essas possibilidades podem acionar questões como prazer, troca, curiosidade, busca, respeito, erotismo, além de se pensar na constituição da diferença como elemento da produção de identidades” (XAVIER FILHA, 2009, p. 97).

Ainda sobre o debate, Bianca, durante uma discussão em grupo, explicou: *Eu acho muito importante que a gente tenha Educação Sexual na escola, porque temos que aprender desde pequenos. Não precisa esperar crescer. Acho também que esse assunto não deve ser levado na brincadeira. Sexualidade é uma coisa muito séria!* (Diário da criança, 19/11/2008).

Complementando a discussão para Scorpion:

Sexo é uma maneira de amar. Tem que usar camisinha sempre que fizer amor e se não quiser fazer um filho, porque gravidez é coisa séria! Acho muito bom ter aula de Educação Sexual na escola para nós, as crianças, para quando crescermos termos responsabilidade. Pena que meus pais não falam sobre o assunto comigo! Tive que esperar 10 anos da minha vida para então a escola me ensinar. Estou aprendendo muitas coisas sobre meu corpo, sobre sexualidade e sobre não ter preconceito. (Diário da criança, 19/11/2008).

Inúmeras narrativas poderiam ser trazidas para esse diário, porém penso que as aqui descritas representem o que o grupo como um todo expressou com relação ao desejo de participar das decisões e das discussões que envolvam o aprendizado de seu corpo e da sua sexualidade, considerando a escola um lugar privilegiado para o tratamento de tais questões, mas acima de tudo, ressaltando o desejo de que o diálogo começasse no espaço da família.

Ao problematizar entendimentos de sexualidade com as crianças, verifiquei que emergiram algumas representações como: sentimentos, ato sexual, relações familiares, reprodução, valores, namoro, doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos, prazer, dentre outros. Sendo assim, penso que ao buscarmos aproximações com as representações das crianças sobre as sexualidades assim como seus modos de produção, a contextualização histórico-social torna-se imprescindível à compreensão da construção dos mitos e tabus sexuais e seus efeitos nas vivências pessoais (FURLANI, 2003). Para tanto, segundo a autora,

A Educação Sexual pode fazer esta crítica num processo educativo que se defina pela análise social e política das redes de poder que promovem a classificação, a hierarquização e o enquadramento sexual em modelos restritos (p. 20).

Considerando que as crianças vão construindo significados a respeito da sexualidade a partir da interação com diferentes instâncias, faz-se necessário “problematizar a produção de saberes que não são apenas constituídos pela escola, mas por pedagogias culturais que com autoridade passam a fabricar modos de ser infantil” (DORNELLES, 2008, p. 90). Assim sendo, destaca-se a importância da escola discutir os significados dados à sexualidade como socialmente construídos e que por esse motivo, conforme Paula Ribeiro (2006, p. 118):

[...] não estão apenas “na cabeça”, mas eles constituem e regulam as práticas sociais e são produzidos através de uma variedade de meios, ou seja, a mídia (TV, rádio, revistas, internet), as práticas do cotidiano, as relações familiares, escolares, pessoais... Conhecer as representações produzidas pelas/os estudantes e discuti-las com os mesmos, possibilita-nos questionar a pluralidade dos significados produzidos sobre sexualidade e problematizá-la como sendo construída social e historicamente.

Ao aproximar-me do final da escrita desse artigo, cujo objetivo foi problematizar as narrativas de um grupo de crianças da 4ª série do Ensino Fundamental sobre o tema Educação para a Sexualidade na escola e provocar reflexões a cerca do saber infantil contemporâneo sobre a referida temática, um dado interessante se faz presente e merece destaque: embora as crianças considerem importante o tratamento das questões que envolvem a sexualidade na escola, as mesmas reivindicam, também, no ambiente familiar, um espaço de abertura e diálogo que contemplem seus interesses, dúvidas, inquietações e

curiosidades. Por outro lado, a aprovação do trabalho de Educação para a Sexualidade na escola, bem como o entendimento de que esse é o ambiente mais indicado para que o mesmo ocorra, foi percebida nas narrativas produzidas pelas famílias durante o encontro realizado com as mesmas. Refiro-me à Educação para a sexualidade e não mais à Educação Sexual, pelo fato do presente estudo ter me levado a refletir acerca das diferentes designações utilizadas para discutir sobre a educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades no espaço escolar. Sendo assim, entendendo que os discursos produzem subjetividades, ao chegar ao fim deste trabalho passei a (re)pensar a opção feita, ao longo da pesquisa, pelo uso do termo Educação Sexual, concebendo que esse vem, nos últimos anos, constituindo práticas e modos de entender e tratar as sexualidades. Portanto, após dialogar com diferentes autores/as, hoje, considero o termo Educação para a Sexualidade mais pertinente com a perspectiva na qual este estudo se baseia, uma vez que “ela pode acionar discussões mais abrangentes quando se trata de refletir sobre nossos prazeres e desejos, não se restringindo ao sexo como ato, mas proporcionando outras vias de discussão e temáticas diversas, para além do viés biologicista” (FELIPE, 2007, p. 42).

O apoio demonstrado pelos familiares com relação ao desenvolvimento do trabalho de Educação para a Sexualidade na escola, contrapõe-se a uma posição, que parece ter sido hegemônica ao longo dos anos, de que pais, mães e cuidadores/as desautorizam essa prática com crianças dos anos iniciais. Nota-se que as famílias demonstram interesse e desejo que esses temas sejam abordados na escola e, nesse sentido, diversos são os motivos apresentados por pais, mães e cuidadores/as ao justificarem o porquê de atribuírem à escola essa função: ao excesso de trabalho e, em decorrência do mesmo, à falta de tempo para conversar com as crianças, à impaciência, às novas configurações familiares, aos horários diversificados entre seus membros, à vida social cada vez mais intensa, ao medo ou à vergonha, dentre outros fatores que dificultam a aproximação entre os elementos de uma família. A conversa é adiada, também, por pais/mães/cuidadores/as ao considerarem os/as filhos/as ainda pequeno/as, ingênuos/as e inocentes e, por esse motivo, ser muito cedo para tratar da temática sexualidade.

Torna-se relevante destacar que a sexualidade não é uma essência “despertada” em um determinado momento ou fase, mas construída ao longo de toda a vida das pessoas, desde a mais tenra idade. Portanto, não apenas os/as adolescentes, mas também as crianças expressam a sexualidade através das brincadeiras, dos modos como se relacionam com seus pares, através das conversas, dos questionamentos, dos desenhos, das formas como

dançam e dos modos de pensar e agir construídos no contato com diferentes instâncias como a família, a escola, as religiões e com diferentes pedagogias culturais como as músicas, os filmes, as novelas, os anúncios publicitários, os sites da internet, os programas de televisão e rádio, as revistas, dentre outros que produzem os corpos infantis e neles inscrevem marcas e identidades, posicionando-os nos múltiplos contextos sociais.

Sendo assim, o estudo desenvolvido levou-me a (re)pensar algumas verdades com relação aos propósitos da sexualidade e da sua educação, a partir dos significados e representações produzidas pelas crianças e também por seus familiares, entendendo que esses significados não são universais, rígidos ou fixos, podendo mudar de acordo com o local, o tempo e o contexto em que são produzidos. Desse modo, resalto a importância da escola abrir espaços para a comunidade escolar discutir temas que, se ainda não são, devem fazer parte do currículo escolar, bem como estar presente na educação familiar, como aqueles vinculados aos corpos, aos gêneros e às sexualidades na infância e que são contemplados na Educação para a Sexualidade, problematizando a necessidade dos mesmos para a construção de uma sociedade mais justa, saudável e feliz.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-educacional. In: Reunião Anual da ANPED, 27., 2004, Caxambu. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Minas Gerais: ANPED, 2004. p. 1-16. n. 23.

CAMARGO, Ana Maria; RIBEIRO, Cláudia Maria. **Sexualidade(s) e Infância(s)**. São Paulo: Moderna, 1999.

DEMARTINI, Zeila de Brito. Infância, Pesquisa e Relatos Orais. In: FARIA, Ana Lucia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. (Org.). **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 1-17.

DORNELLES, Leni. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança Cyber**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FELIPE, Jane. Do amor (ou de como Glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO; Paula; SILVA, Meri; SOUZA, Nádia; GOELLNER, Silvana; SOUZA, Jane (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: Discutindo Práticas Educativas**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2007. p. 31-45.

_____. Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações. In: MEYER, Dagmar (Org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 111-124.



FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em Educação Sexual. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

JUNQUEIRA, Rogério. Homofobia: o que a escola tem a ver com isso? In: RIBEIRO, Paula; RIZZA, Juliana; MAGALHÃES, Joanalira; QUADRADO, Raquel. (Org.). **Educação e sexualidade**: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceito, homofobia, Aids ... Rio Grande: Ed. da FURG, 2008. p. 28-35.

PAIVA, Vera et al. **Fala educadora! Educador!** Programa Nacional de DST/Aids. Secretaria de Estado da Saúde. São Paulo: Organon, 2000. 161 p.

REDESPIEL, Maria. **Alfabetização sem segredos**: temas transversais. Minas Gerais: Iemar, 1998.

RIBEIRO, Paula. **Inscrevendo a Sexualidade**: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. 2002, Tese (Doutorado em Ciências Biológicas: Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

_____. A sexualidade como um dispositivo histórico de poder. In: SOARES, Guiomar; SILVA, Méri; RIBEIRO, Paula. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: problematizando práticas educativas e culturais. Rio Grande: Ed. da FURG, 2006. p. 109-118.

WEREBE, Maria. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.

XAVIER FILHA, Constantina. Educação para a sexualidade: carregar água na peneira? In: RIBEIRO, Paula; SILVA, Méri., GOELLNER, Silvana. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: Ed. FURG, 2009. p. 85-103.